

Isaac dos Santos é o protagonista de 'Rip 2 My Youth', documentário que será exibido amanhã, pelas 21h00, no Teatro Baltazar Dias

“Passei toda a minha vida a ser posto de parte”

HISTÓRIA DE VIDA

Susana de Figueiredo

susanafigueiredo@jm-madeira.pt

Nasceu num corpo feminino mas diz que nunca foi mulher, e recusa-se a pronunciar o nome que, até aos 18 anos, figurava no seu cartão de cidadão: “Essa pessoa nunca existiu”.

Para Isaac dos Santos, a “vida a sério” só começou quando, por fim, pôde ser por fora o homem que já era por dentro.

Em ‘RIP 2 My Youth’, o rapaz que teve de esperar pela idade adulta para “corrigir” um corpo errado, conta a sua história. Ontem, numa conversa por telefone, sobretudo sobre coragem, ficámos a conhecê-lo melhor.

Com apenas 5 anos, numa altura em que ainda não dominava nem a gramática nem os números, Isaac já se digladiava com sentimentos que deveriam passar longe de qualquer infância, desde a solidão entre

os pares, à angústia dos porquês que lhe cresciam sob a carne viva de um corpo que não era o seu, antiteses da cabeça e do coração, estes tão inteiros quanto submersos na pele de outro(a). A dor de viver com um estranho à superfície.

Hoje, tem 21 anos, feitos no passado dia 13 de janeiro, mas o discurso denuncia-lhe a maturidade de quem se acostumou, desde cedo, demasiado cedo, a mergulhar no interior de si para se defender de um sexo que não lhe pertencia. No mundo de Isaac, não houve nunca crises de identidade. Cresceu em modo de espera, a contar as horas e os dias para o futuro. Uma viagem longa com um destino feliz.

Quando é que teve consciência de que tinha nascido no corpo errado?

Aos 5 anos, eu já perguntava à minha avó porque é que os meus genitais não cresciam e porque é que, na escola, me punham de parte – no grupo das raparigas não me encaixava e no grupo dos rapazes era afastado – Sempre senti que era um homem, e desde muito cedo programei a minha vida para, aos 18 anos, entrar na faculdade e começar do zero.

Teve de esperar mais de uma década...

Pois tive. E acredite que é muito mau quando explicam a uma criança de 5 anos que, até aos 18, ainda terá pela frente treze longos anos de sofrimento.

Quem é que lhe fez essa explicação?

A minha avó paterna, com quem eu passava muito tempo.

Podé contar-me como foi essa conversa?

Apercebendo-se da minha situação, ela disse-me que, quando crescesse, ou seja, quando fizesse 18 anos, poderia tomar a decisão de mudar o meu corpo. A minha avó queria ter sido enfermeira, mas nunca teve dinheiro para es-

tudar, então, sempre se manteve atenta aos assuntos de saúde. E dá tudo o que pode aos seus. Tive muita sorte.

E os seus pais, como reagiram?

Reagiram bem, tenho uma relação ótima com eles. Claro que o choque é inevitável, até porque os pais sabem que um filho, nestas circunstâncias, irá sempre sofrer muito mais. E isso custa.

A partir de que momento começaram a tratá-lo como um rapaz?

Isso só aconteceu aos 18 anos, quando fiz o meu ‘coming out’ e iniciei o processo de transição.



Jovem participa hoje, a partir das 18h30, num encontro no Núcleo LGBTI (Funchal), no Espaço Paulo Martins.

No documentário, a sua avó refere que nunca o viu vestir uma saia e que nunca lhe passou pela cabeça oferecer-lhe uma boneca. Ou seja, apesar de o Isaac ser, naquela altura, 'a neta', a sua real identidade era respeitada.

Sim. Os meus pais e a minha avó nunca me obrigaram a vestir como uma rapariga, nunca me obrigaram a brincar com bonecas, deixaram-me sempre à vontade. E, de um modo geral, acho que todas as crianças devem poder brincar com os brinquedos que quiserem e vestir o que entenderem. Porque é que uma menina não há de poder, por exemplo, usar um boné com a pala para trás?

Acha que o processo de transformação do corpo deveria ser iniciado em idades mais precoces, antes dos 16 anos?

Acho que sim. Deve haver um serviço pedopsiquiátrico de sexologia capaz de proporcionar um acompanhamento precoce, para poupar sofrimentos desnecessários, físicos e psicológicos, a crianças que passam pelo que eu passei. Intervindo mais cedo e iniciando o tratamento hormonal por volta dos 10 ou 12 anos, há partes do corpo que já não vão desenvolver-se, por exemplo. Há que poupar uma criança de ter de justificar a alguém quem ela é.

Dizia há pouco que, na escola, era posto de parte, precisamente por tentar justificar quem era. Na maioria das vezes, era vítima de discriminação?

Obviamente que passei toda a minha vida a ser posto de parte, e os professores, pura e simplesmente, ignoravam a situação. Em 2002, andava eu na primária, era obrigado a sentar-me como as meninas, ou então não podia usar aquela t-shirt porque não era de rapariga.

Acha que, quase vinte anos depois, a escola em particular, e a sociedade em geral, mudaram esse 'chip', estão menos formatadas?

Julgo que sim. Hoje, mesmo nas escolas, todo o contexto está mais preparado para um pai ou uma mãe poder chegar à escola e explicar o que se passa com o seu filho ou filha. Em 2002, nem sequer a homossexualidade era aceite, quanto mais a transexualidade, que, até 2005, em França, era considerada uma doença mental.

Ainda há quem considere uma e outra doenças mentais...

Infelizmente, é verdade, mas acho que hoje existe uma outra abertura, e menos ignorância também.



“
Durante muitos anos não tive tempo para lidar com as coisas, para pensar no que me estava a acontecer. O filme fez-me tirar tudo da gaveta, pude finalmente arrumar a minha cabeça.

Depois de passar a infância e a adolescência aprisionado num corpo de mulher, como se sentiu no final de todo o processo de transição?

No dia em que comecei a tomar as hormonas foi o aniversário da minha masculinidade. A sensação foi incrível... era o início de uma vida a sério. Fui logo fazer o meu novo cartão do cidadão, a uma Loja do Cidadão menos movimentada, e lembro-me de me terem chamado louco... Só não pedi o livro de reclamações porque ainda tinha a identidade antiga. Acabei por tratar do assunto no Registo

Notarial, e lá correu tudo bem.

Como foi esse despontar da "vida a sério"?

Foi um momento muito bom. Finalmente podia ir a uma discoteca, mudar a matrícula na faculdade... Finalmente, eu era o Isaac.

Como se chamava antes?

Essa é uma curiosidade que as pessoas têm, mas eu não quero lembrar-me desse nome, porque ele nunca me pertenceu, e vai assombrar-me para o resto da vida. Eu nunca fui aquela pessoa.

RIP 2 My Youth é revelador de uma nova visão sobre a transexualidade.

O documentário relata um caso de sucesso na comunidade transexual, e estes raramente são trazidos ao de cima. A maioria das reportagens aborda sempre as dificuldades, as famílias que não apoiam, os contratempos. É isso que vende. É isso que as televisões e produtoras querem fazer, e então causa-se a impressão de que toda a comunidade transexual é aquilo, já para não falar em todos os casos associados à prostituição. O RIP 2 My Youth, retrata a vida de um rapaz jovem adulto, que tem o apoio da família, uma relação amorosa estável, anda na faculdade e trabalha. Trata-se de uma lufada de esperança para todos os que estão a começar o processo de transição.

Ter protagonizado o filme representou para si uma espécie de catarse?

Foi uma terapia, porque durante muitos anos não tive tempo para lidar com as coisas, para pensar no que me estava a acontecer. O filme fez-me tirar tudo da gaveta, pude finalmente arrumar a minha cabeça. Sinto-me em paz, é bom saber que já passei por tudo aquilo e consegui chegar onde estou hoje.

O guião é da autoria da sua namorada.

É. Em 2015, quando eu estava no primeiro ano da licenciatura, no IADE, a Mariana [Ramos] disse-me que tinha uma ideia para a tese de mestrado dela, na ESCS. E foi assim que surgiu o projeto, cuja produção teve início no ano passado. Depois, achámos que devíamos fazê-lo sair do meio académico, mostrando-o ao público em geral. No fundo, queríamos mostrar às pessoas o que significa ser transexual.

É no contexto da realização do filme que se tornam namorados? Sim.

De que forma encarou a Mariana a sua transexualidade?

O facto de eu ser 'trans' é um mínimo na nossa relação. A Mariana nunca falhou uma consulta minha ou uma injeção. Muitas vezes até nos esquecemos do processo por que passei. Uma vez, ela disse-me "nem sabes a sorte que tens por nunca teres tido o período..." Recordo que nos rimos muito dessa situação [riso]. Aliás, existe imenso sentido de humor na comunidade LGBTTI, temos uma capacidade enorme de transformar o 'mau' em riso. JM

Documentário português sobre transexualidade exibido pela primeira vez na Madeira

Realizado por um grupo de alunos do Mestrado de Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social (ESCS), 'RIP 2 My Youth' conta a história real de Isaac dos santos, um jovem de 21 anos que passou pelo processo de transição de género.

FICHA TÉCNICA

Realização: João Pico, Elizabeth Vieira, João Figueiredo
Produção: Elizabeth Vieira

Edição: João Pico e João Figueiredo

Assistente de Edição: Hugo Louro

Adaptação do Guião: João Gama, Susana Maciel

Guião Original: Mariana Ramos

Captação de Imagem: João Pico, Elizabeth Vieira, João Figueiredo, Susana Maciel

Captação de Som: Elizabeth Vieira, João Gama

Pós-Produção de Áudio: InSonik
Música: João Pico